

## Apresentação

Marcos Del Rei

Como citar: REI, Marcos Del. **Apresentação**. In: REI, Marcos Del (org.). **György Lukács e a emancipação humana**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 7-10. DOI: <https://doi.org/10.36311/2013.978-85-7559-344-8.p7-9>



# APRESENTAÇÃO

Para o leitor deste livro, creio não haver muita dúvida de que a universalização da dinâmica do capital e de seu poder político coloca a humanidade diante de uma encruzilhada decisiva para o seu futuro. As próximas décadas serão determinantes para saber se o ser social que tem no trabalho a definição e o fundamento de sua generalidade se entregará à barbárie ou encontrará a rota de sua emancipação na plena humanidade. Embora esse dilema tenha estado sempre presente no movimento contraditório do capital, o fato é que a atual crise capitalista apresenta fortes indícios de ser estrutural e, portanto, incontornável, a menos que seja endereçada à própria superação do capital como forma de sociabilidade humana.

O marxismo, tão desprezado por aqueles que se convenceram de que ele estaria superado, ou mesmo por outros que entendem que o marxismo do século XX foi um grave equívoco e seria necessário começar do zero, num eterno retorno a Marx, está no pressuposto deste livro. Autores clássicos do marxismo são não somente úteis, mas imprescindíveis para pensarmos o possível e necessário processo de emancipação humana no século XXI. Como rejeitar em conjunto obras teóricas/práticas de Lenin, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Lukács? Como negar a importância desses autores no enfrentamento da barbárie que se apresenta no horizonte? A luta pela emancipação humana obriga que eles, seus textos e suas experiências se façam vivos no século XXI. Julgá-los como autores datados ou equivocados transfere água para o moinho da cultura da barbárie, mesmo que de modo inadvertido.

Tais autores viveram e pensaram o esforço pela revolução socialista, o esforço pela emancipação humana no século XX. Situados na linha de frente da luta contra o capital, viram soçobrar suas esperanças, sem jamais deixar de investir na possibilidade real dessa emancipação, por mais que a barbárie do capital viesse à tona nas mais diversas formas. Longe de qualquer messianismo, firmemente ancorados na dialética do concreto, foram luminares de uma práxis histórica emancipadora seguramente alicerçada na classe operária como sujeito histórico capaz de ser o protagonista de um possível futuro comunista.

Originários de zonas periféricas do imperialismo capitalista, zonas de impacto da expansão imperialista, todos eles encontraram-se em condição de perceber que estavam no cerne da contradição e do antagonismo social do capital, assim como que a época e a situação apresentavam a alternativa entre socialismo ou barbárie. Cada um, a seu modo, foi ator derrotado, e sua derrota contribui para explicar a situação difícil em que se encontra hoje o movimento político do trabalho, o movimento pela emancipação humana, a cultura comunista. Mas suas lutas, assim como suas derrotas, elaborações e formulações teóricas, devem ser vistas como patamar indispensável sobre o qual fazer avançar o método da crítica dialética.

As diferenças entre Rosa Luxemburgo e Lenin são conhecidas, em especial no que diz respeito à teoria do imperialismo, à questão nacional e à teoria da organização, mas é indubitável que se encontravam no mesmo campo teórico, o da refundação do comunismo no século XX. Ambos influenciaram profundamente todo o pensamento revolucionário, mas Rosa Luxemburgo foi assassinada friamente pelas forças de defesa da ordem e Lenin morreu de exaustão, vítima de sequelas deixadas por um atentado a bala.

Gramsci e Lukács, parte da geração que viu a revolução socialista e sua ânsia de emancipação eclodirem da barbárie da guerra imperialista, mas também assistiu à derrota e à particularização da Rússia como motivo de novas variantes de barbárie, dedicaram-se a pensar sobretudo a respeito das formas e do estatuto das subjetividades humanas, do modo como se manifestavam materialmente, concretamente. Era necessário pensar a partir da derrota, refletir sobre como retomar o processo de emancipação que a revolução dos conselhos havia descortinado.

Gramsci morreu na prisão, vítima do fascismo. Deixou uma obra em pleno desenvolvimento, de muita complexidade, e que talvez não tenha encontrado ainda substrato material para a concretização de suas potencialidades. Dos pensadores revolucionários aqui mencionados como os principais de uma vertente teórica que poderia ser chamada de refundação comunista do século XX, Lukács merece destaque antes de tudo por ter tido uma vida longa. Esse detalhe lhe permitiu testemunhar uma fase dramática da história dos homens: observou e participou ativamente da revolução socialista internacional de 1917-1921, experimentou a derrota, viveu na URSS staliniana, constatou a barbárie nazifascista, assistiu à reconstrução da Hungria, notou o aprofundamento da “manipulação” no capitalismo e desencantou-se com o “socialismo” existente.

Outro dado importante a respeito de Lukács foi sua decisão de imigrar para a URSS a fim de dar continuidade a sua militância, mas principalmente para ter acesso a textos inéditos de Marx e Engels e assim calçar sua reflexão e sua obra subsequente. Observa-se, em contraponto, que a maior parte dos intelectuais que abandonaram a Europa Central em razão da ascensão da besta nazista transferiram-se para o mundo anglo-americano. Os que não eram já liberais abandonaram no Ocidente as lutas emancipatórias e decaíram em certo niilismo.

A prisão de Gramsci e o afastamento de Lukács do Partido Comunista da Hungria podem definir, de certo ponto de vista, o fim da refundação comunista enquanto movimento político. O que se seguiu foi o stalinismo e o eclipse da dialética, que sobrevivia a duras penas no cárcere de Turi e nos estudos de Lukács durante seu estranho exílio soviético. Assim, muito longe de se transformar em uma espécie de ideólogo do stalinismo, Lukács manteve o vezo crítico extremamente aguçado cuja demonstração encontra-se em

sua obra. O que pode ser dito, mas na perspectiva histórica de hoje, é que Lukács acreditava que, apesar de tudo, processava-se sob Stalin a transição socialista. A seu favor, pode-se perguntar quantos foram os que, no movimento comunista, deram-se o direito da dúvida. Tudo indica que Lukács só passou a observar o fracasso das experiências socialistas na URSS e na Europa Oriental depois do naufrágio da possibilidade de retomada da democratização socialista, já em seus últimos anos de vida, após a Primavera de Praga.

O resgate da dialética e o “renascimento do marxismo”, na visão de Lukács, eram condições para que, por meio da democratização, a transição socialista retomasse seu caminho. Suas últimas obras sobre estética e ontologia – que deveriam culminar com uma ética – eram a contribuição que ele queria oferecer a esse processo. O fracasso generalizado de tais experiências sociais, que se deixaram engolir pelo conservadorismo feudal, retiraram da obra de Lukács o chão sobre o qual ela se apoiava, ou supunha se apoiar, e suas reflexões caíram num limbo histórico.

No entanto, a tarefa do “renascimento do marxismo”, da retomada do fio da refundação comunista do século XX, é ainda mais premente hoje, e os escritos de Lukács são, sem dúvida alguma, o ponto de passagem para o século XXI e para uma refundação comunista.

Este livro é produto de um empenho coletivo que se iniciou com um seminário sobre Lukács realizado entre 17 e 21 de agosto de 2009 na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, por iniciativa do Grupo de Pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho, do Instituto Astrojildo Pereira e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. O evento foi financiado pela Fapesp, pela Capes e pela Fundunesp, às quais muito agradecemos.

Esse evento, denominado III Seminário Científico sobre Teoria Política do Socialismo, só foi possível graças ao notável empenho organizativo do professor Jair Pinheiro, então chefe do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências, dos estudantes do Programa de Pós-Graduação Anderson Deo, Alessandro Moura, Claudinei Cássio, Estevam Moreira e Marcelo Lira Silva, e dos membros do Núcleo de Estudos de Ontologia Marxiana, coordenado pelo professor Antonio Carlos Mazzeo. Ressalte-se também o empenho de todos os convidados para superar os percalços e garantir que o evento tivesse efetivamente grande magnitude e repercussão. Do mesmo modo, há de se reconhecer a contribuição dos tradutores dos textos dos convidados estrangeiros, bem como o trabalho da professora Angélica Lovatto para os encaminhamentos da edição deste livro e, no âmbito do Laboratório Editorial da Unesp, o trabalho de Maria Rosângela de Oliveira e Maria Luzinete Euclides.

Os capítulos que compõem este livro são produto, portanto, desse seminário. Eles foram ordenados em três partes, cada qual abordando o conjunto da obra de Lukács a partir de determinado ponto de vista. A unidade se encontra, como já foi sugerido, na permanente luta pela razão dialética e pela emancipação humana, única solução capaz de barrar a barbárie, o irracionalismo e a desumanização, que é para o que nos conduz a dinâmica do capital em crise. A expectativa do trabalho é contribuir para o resgate da problemática teórica e prática proposta pela obra de Lukács e para a difusão de suas ideias entre as novas gerações.